

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL (UFRGS)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO (PPGA)
ESPECIALIZAÇÃO EM GESTÃO EMPRESARIAL - TURMA 2014/2015

**TÍTULO: O CONSUMO DE ALIMENTOS ORGÂNICOS SOB O ENFOQUE DAS
ATITUDES DE SUSTENTABILIDADE E ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL**

Aline da Costa Pereira

Professora Doutora Márcia Dutra de Barcellos

Resumo

Crescimento demográfico e aumento da expectativa de vida dos brasileiros ensejaram destaque à alimentação. A visão do alimento como eixo da saúde e preservação do meio ambiente despontaram e alimentos orgânicos evidenciaram-se perante o consumidor. Essa conjuntura embasou o estudo de como as atitudes em relação à sustentabilidade e alimentação saudável impactam no comportamento de consumo de alimentos orgânicos. Resultado: consumidores com consciência ecológica buscam manter uma alimentação saudável através de alimentos orgânicos, assim infere-se, dentre outros: a visão diferenciada do consumidor consciente; a relevância do estudo para empresários desse setor e para gestores públicos que administram os incentivos e propiciam agregar valor aos produtos brasileiros.

Palavras-chave: Alimentação saudável; sustentabilidade; comportamento consumidor; alimento orgânico; consciência ecológica.

O CONSUMO DE ALIMENTOS ORGÂNICOS SOB O ENFOQUE DAS ATITUDES DE SUSTENTABILIDADE E ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL

1. Introdução

O crescimento demográfico dos últimos anos e o aumento da expectativa de vida dos brasileiros ensejaram destaque à questão alimentar. Conforme demonstra a projeção populacional do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), atualmente, o Brasil tem mais de duzentos milhões de habitantes, e ocupa a quinta posição entre os mais populosos do mundo (WORLDOMETERS, 2015), dados que ratificam a importância do tema para o país.

Sendo os alimentos fatores limitantes para a humanidade, e portanto condição essencial para continuidade da vida e manutenção da saúde e do bem-estar (DIAS, 2014), é preciso refletir sobre esse processo. Nesse novo contexto mundial, caracterizado pela consciência da escassez dos recursos naturais, um fator ganhou destaque: o impacto da geração e produção de alimentos ao meio ambiente, em virtude de implicar modificações no espaço natural. Essa interferência no meio ambiente é causada em razão de que a produção de alimentos viabiliza um excesso de comida, propiciando um incremento da população, a qual ocupa mais áreas em detrimento do ambiente natural (DIAS, 2011). Outros fatores que ocasionam interferência na natureza, por causa da produção de alimentos, são os resíduos poluentes formados. Estudos apontam que na Europa o setor alimentar é o maior responsável pela emissão antropogênica de Gases com Efeito Estufa (GEEs) (PENA, 2012). Portanto, a produção de alimentos corrobora para o desequilíbrio ambiental, sendo peça chave na discussão da sustentabilidade, tema destaque na atualidade.

Impulsionada, também pelo aumento da esperança de vida da população brasileira, a alimentação tornou-se sinônimo de saúde. De acordo com o site G1, o IBGE divulgou que a expectativa de vida ao nascer no Brasil subiu para 75,2 anos em 2014”. (G1, 2015). Essa situação, intensifica o anseio da população por qualidade de vida, que se reflete nos modos de consumo alimentar. O diretor-geral da operação brasileira da Dunnhumby, empresa de pesquisa do grupo varejista britânico Tesco (EXAME.COM, 2015). É importante ressaltar que a visão do alimento como forma de manter a saúde, não se dissocia dos aspectos da sustentabilidade, pois os meios utilizados em sua produção influenciam diretamente na qualidade do produto, e por consequência, no organismo do indivíduo.

Um alimento que alia sustentabilidade e bem-estar é o orgânico, produzido pela agricultura orgânica, sem uso de fertilizantes químicos ou pesticidas, promovendo o ciclo natural dos recursos, o equilíbrio ecológico e conservando a biodiversidade conforme define a Wikipédia, 2015. De acordo com o Ministério do Meio Ambiente, há sete anos a agricultura brasileira é campeã em consumo de agrotóxicos no mundo. Na contramão desse cenário, o crescimento do mercado brasileiro de produtos industrializados orgânicos cresce 25% ao ano desde 2009, sendo que a média mundial é de 6% ao ano, de acordo com a consultoria Euromonitor. (EXAME.COM, 2015)

Em razão desses fatores, este estudo justifica-se por levantar maiores informações sobre o mercado consumidor de alimentos saudáveis e alimentos orgânicos e da consciência ecológica relacionada, para disponibilizar ao público em geral. As informações geradas podem compor instrumental decisório para ações de políticas públicas ligadas à sustentabilidade e bem-estar da população, bem como ferramentas para empreendedores propiciando um melhor atendimento das necessidades de clientes, corroborando, de acordo com Reichheld (1993 apud Lionello; Slongo; Alba, 2013, p. 5) para desenvolver lealdade, através da formação de uma base consistente de consumidores, gerando lucros superiores e sustentáveis.

Portanto busca-se por meio deste estudo, colaborar para um maior conhecimento do mercado consumidor de produtos orgânicos, através da busca pela resposta da questão: como

as atitudes em relação à sustentabilidade e alimentação saudável impactam no comportamento de consumo de alimentos orgânicos?

Portanto, intenciona-se contribuir para um maior conhecimento do mercado consumidor de orgânicos e para os estudos relacionados ao tema, objetivando, em geral, compreender a relação entre consciência ambiental, alimentação saudável e consumo de orgânicos para o mercado consumidor, e em específico, pesquisar o mercado consumidor por meio de *survey*; analisar as informações obtidas do mercado consumidor; explicar a relação entre os temas consciência ecológica, alimentação saudável e consumo de orgânicos com base nos resultados obtidos; inferir os motivos relacionados ao resultado do estudo.

O trabalho está estruturado de forma que na primeira parte está uma breve revisão bibliográfica sobre assuntos acerca do tema, seguido pelo método de estudo utilizado, após os resultados alcançados e por fim as conclusões.

2. Revisão bibliográfica

2.1. Sustentabilidade

Os efeitos nocivos da ação humana sobre a natureza em nenhum momento foram tão visíveis como na atualidade. O clima, a fauna, a flora e a própria humanidade sentem os reflexos do desmatamento, da poluição, da caça predatória, do desenvolvimento econômico desmedido e do consumo sem consciência. É preciso hoje, muito mais que em tempos passados, pensar em modos de reverter os impactos negativos ao meio ambiente ou em alternativas que minimizem esses efeitos. Assim, sustentabilidade não é mais uma opção, é uma exigência para a sobrevivência do planeta, mantendo-se a qualidade e o bem estar de todos os seres vivos. Por esses motivos, a ideia de sustentabilidade se propagou pelo mundo e tem sido amplamente debatida e estudada.

De acordo com Dias (2011) a ideia de desenvolvimento sustentado foi exposta pela primeira vez por meio do relatório denominado *Nosso Futuro Comum*, desenvolvido pela Comissão *Brundtland*. Tinha por conceito estabelecer uma relação harmônica entre homem e natureza, sendo essa relação o centro do processo de desenvolvimento que deverá satisfazer as necessidades e interesses humanos. De acordo com Neves (2011) a sustentabilidade é um ponto que não se pode desviar na discussão sobre a direção do desenvolvimento capitalista, impondo-se sobre as diversas áreas do conhecimento e a vida dos cidadãos. Em razão desta premissa, todas as atividades humanas devem ter como fator orientador a sustentabilidade, para que os recursos disponíveis sejam utilizados sem serem exauridos. Isso permitirá que todos possam usufruir dos mesmos benefícios, não causando impactos negativos sobre o meio ambiente e seres vivos.

2.1.1 Sustentabilidade e alimentação

Verifica-se que toda a atividade humana interfere no meio ambiente. Como toda necessidade humana, a alimentação traz impactos à natureza, portanto deve ser foco de estudo para aprimoramento das técnicas utilizadas para sua produção e incentivada a conscientização sobre seu consumo. De acordo com Dias (2011) na evolução humana algumas revoluções tecnológicas foram muito importantes, dentre elas estão a domesticação dos animais e o domínio da técnica de plantio. Em virtude desses fatores o homem passou a fixar-se aos locais, já que anteriormente era nômade, dando início ao surgimento de vilas e cidades. Em razão desse sedentarismo, ocasionado pela produção de alimentos, os espaços naturais passaram a ser alterados por meio da criação de espaços artificiais para o cultivo das plantas e proteção do gado. Com o excesso de alimentos gerado, a população cresceu, e em consequência mais espaços naturais passaram a ser utilizados e modificados.

Ao seguir esse raciocínio pode-se notar a importância das premissas da sustentabilidade atualmente, pois a população brasileira vem crescendo significativamente ao longo dos últimos anos, necessitando diariamente de alimentos. Essa situação exige mais alterações no meio ambiente natural, impactando no equilíbrio da natureza. Dessa forma, as dimensões da sustentabilidade, a ambiental é fator determinantemente restritivo para a vida, pois sem o equilíbrio do meio ambiente, o risco da extinção da flora e da fauna é majorado.

De acordo com Abramovay (2012) “[...] a ideia de crescimento incessante da produção e do consumo, choca-se contra os limites que os ecossistemas impõem à expansão do aparato produtivo.” Portanto, se os recursos da natureza não forem bem utilizados, serão limitadores para a continuidade da vida. Conforme dados da página do *Worldometers* (2015), mais de três milhões de hectares das florestas mundiais já foram perdidos este ano, e a emissão de gás carbônico no meio ambiente passa de vinte e sete bilhões de toneladas. Esses dados demonstram que a gestão ambiental tem grande relevância para reverter os problemas relativos à poluição severa da natureza. A gestão ambiental incentiva mudanças nas ações cotidianas da população, tais como alimentar-se, vestir-se, deslocar-se, relacionar-se, bem como de empresas e do governo.

As escolhas diárias feitas tanto por empresários como por cidadãos faz da sociedade o que ela é hoje, ratificando a importância da sustentabilidade ambiental. Conforme Neves (2011) a teoria crítica da sustentabilidade é fundamentada na busca permanente por contradições sociais, identificadas nas ações dos sujeitos individuais e coletivos, questionando a realidade aparente e em sua investigação. Ainda relata que um dos elementos de uma teoria crítica é a conscientização individual e coletiva, que consiste na participação do indivíduo na sociedade, por meio de uma condição interna de ação e elaboração sobre como dirigir sua vida e a vida coletiva. Portanto, escolher alimentos que não corroborem para mais interferências nos ambientes naturais, que não colaborem para aumentar os problemas de saúde da população, contribui para que o ambiente se torne sustentável. É o esforço individual e coletivo que farão a diferença para reverter o quadro atual de degradação do meio ambiente, por meio de escolhas assertivas, incentivadas pelas ações de sustentabilidade.

Apesar de ser um dos maiores produtores de alimentos do mundo, o Brasil destaca-se como um dos maiores consumidores de defensivos agrícolas. (NASCIMENTO E TOMETICH, 2013) Essa situação indica uma falta de ações substanciais do mercado produtor brasileiro para adaptar-se às necessidades de uma gestão ambiental em sua produção. Ainda segundo Nascimento e Tometich (2013; p. 161)

“... a questão da produção de alimentos, o agronegócio nacional desenvolveu-se sob um paradigma tecnológico adotado a partir de tecnologias desenvolvidas na Europa e nos EUA. Especialmente na Europa, a agricultura passava por problemas de doenças e pragas que atacavam as plantações e rebanhos, em virtude do histórico daquele continente. Nas terras novas da América, talvez não fosse necessário adotar este mesmo paradigma. Entretanto, com a chamada Revolução Verde, incorporamos um sistema de produção baseado na utilização de intensiva de produtos sintéticos, que não só gerariam problemas ao solo e aos mananciais d’água, como deixam resíduos que entram na cadeia alimentar.”

Por outro lado, o que move o mercado são as exigências dos consumidores, que ainda devido à falta de conhecimentos sobre sustentabilidade, não se posiciona de forma a pressionar os produtores a mudar seus métodos de produção a fim de atender ao mercado. Assim, o papel da educação ambiental é fundamental para esta mudança no setor de alimentação.

2.2. Educação ambiental

A educação é a premissa básica para a existência de pessoas conscientes de seus deveres e de seus direitos, fator crítico para a mudança de comportamento e para um mundo mais equilibrado e justo. Sendo assim, a questão ambiental perpassa pela educação dos cidadãos para que estes possam interagir de forma saudável com o meio ambiente. A educação ambiental ao longo dos anos teve marcos que fizeram com que ganhasse destaque para a sociedade, dentre eles a Conferência de Belgrado realizada em 1975, onde foram formulados os princípios para o Programa Internacional de Educação Ambiental (PIPEA), a carta de Belgrado que se tornou importante documento sobre a questão ambiental de sua época até a Conferência de Tessaloniki em 1998, onde fora elaborada a Declaração Tessalônica, que abordava o papel crítico da educação e da consciência pública para atingir-se a sustentabilidade (DIAS, 2004).

A educação ambiental tem papel estratégico dentro da sociedade, pois colabora para o entendimento das relações do homem com a natureza promovendo ações de proteção ao meio ambiente. Atualmente no Brasil, a política de educação ambiental tem tido grandes avanços, porém, sabe-se que ainda existem diversas dificuldades na área da educação ambiental, tais como falta de infraestrutura, de matérias e de recursos que possibilitem um adequado crescimento educacional da população.

“A falta de recursos instrucionais, notadamente livros didáticos especializados, disponíveis, constitui outro empecilho, aparentemente intransponível. Muitas publicações que chegam aos professores continuam impregnadas de uma visão preservacionista exclusiva, ingênua e desatualizada cientificamente.” (DIAS, 2004, p.18 e 19)

Diante dessas dificuldades, o país necessita transpor barreiras para incentivar o crescimento econômico com sustentabilidade, o que perpassa não somente por legislações regulamentadoras como, principalmente, pela promoção da educação ambiental para a população. Conforme Freire (2014) são conciliáveis o desenvolvimento econômico e o meio ambiente, além de serem correlatos e indispensáveis, e aliado à alta produtividade e tecnologia avançada é realizável e preciso coexistirem em um meio ambiente saudável (Freire, 2014).

No Brasil ainda, nos mais diversos níveis educacionais, não há um efetivo desenvolvimento da consciência ambiental como deveria. Com muitas dificuldades enfrentadas na área da educação, o quadro se repete com a especificidade ambiental, mas existem esforços sendo realizados nesta área por meio de legislação e de programas governamentais. Impera no Brasil uma instigante indefinição política por desconhecimento da matéria ambiental. Por mais de trinta anos falam que a educação seria prioridade, mas o que se vê pelo Brasil é uma realidade controversa que determina o quanto são atrapalhados nesta área. (DIAS, 2011, p.17).

Ainda tem um longo caminho a ser percorrido, mas as ações de educação foram iniciadas visando criar uma nova cultura entre os cidadãos de consciência de preservação do meio ambiente.

2.2.1 Educação ambiental e as escolhas em alimentação

O crescimento do poder financeiro dos brasileiros, sem o acompanhamento do devido aparato de conhecimentos, corrobora para escolhas de compra que não levem em consideração variáveis importantes, por exemplo a existência de compostos prejudiciais à saúde que possam estar presentes nos alimentos, bem como se o modo de produção destes impacta negativamente na natureza. Destarte, para escolhas saudáveis de alimentação é preciso consciência de todos os fatores implicados nesta ação e visão holística do mundo.

De acordo com Dias (2004, p.100) “[...] Acredito que a educação ambiental seja um processo por meio do qual as pessoas aprendam como funciona o ambiente, como dependemos dele, como afetamos e como promovemos a sua sustentabilidade.”

Sendo assim a educação ambiental objetiva conscientizar as pessoas de forma holística, para que possa pensar globalmente os impactos das suas ações, e dentre elas as escolhas por alimentos que não somente impactam diretamente a saúde do indivíduo, mas também indiretamente.

Outro fator que pode-se perceber é um direcionamento da educação ambiental para as crianças, adolescentes e jovens, que serão preponderantes no consumo de alimentos no futuro, sendo necessário que as empresas busquem adequação frente a essa realidade.

“[...] a Educação ambiental vem auxiliar professores e pais na orientação de adolescentes e jovens na busca de prática de informações relacionadas ao meio ambiente e a inter-relação com outros fatores da Educação alimentar e Nutricional, Agrotóxico e Saúde para o bem estar de todos, mas principalmente, adolescentes e jovens envolvidos no projeto.” (SILVA E SOUZA, 2011, p. 8)

Com esse movimento de instrução da população cria-se a expectativa de se estabelecer um comportamento no consumidor de refletir sobre as escolhas alimentares, visto que causam grandes impactos no ambiente natural. Isso se reflete na saúde da população, que acaba ingerindo alimentos com defensivos agrícolas e contato o meio ambiente poluído que aumentam a possibilidade de desenvolvimento de doenças, impactando na qualidade de vida.

2.3. Alimentação saudável

A alimentação atualmente é sinônimo de saúde, o que corrobora para a busca por qualidade dos alimentos pelos consumidores. Também é constatada uma preocupação da população em viver mais e melhor, o que implica alimentos saudáveis, mas também em um ambiente saudável.

“[...] a oferta de alimentos na quantidade necessária, de forma permanente, requer uma agricultura ambientalmente sustentável e capaz de produzir alimentos com elevada qualidade, pois somente com alimentos de qualidade biológica superior ao que se produz hoje é possível garantir alimentação saudável.” (CARPORAL E COSTABEBER, 2003, p. 1)

Segundo o relatório de atividades 2012 complementar elaborado pelo Programa de Análise de Resíduos de Agrotóxicos em alimentos (PARA) da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) há ainda um número significativo de alimentos que chegam ao consumidor final com resíduos agrotóxicos permitidos e não permitidos pela legislação brasileira. Essa situação impacta diretamente na saúde e na busca por alimentos que promovam a saúde e o bem-estar da população brasileira.

Uma alternativa que se apresenta para essa situação do alimento é o alimento orgânico, que são livres de defensivos agrícolas e mantém as propriedades dos alimentos.

“No que diz respeito ao aspecto tecnológico, associado à questão ambiental, a produção orgânica não causa impactos ao meio ambiente, além de priorizar a manutenção dos recursos naturais. Acrescente-se a isto que os insumos utilizados na produção orgânica não deixam resíduos nos alimentos.” (NASCIMENTO E TOMETICH, 2013; p. 163)

Um fator que também deve ser levado em consideração é que os alimentos não interferem na saúde do indivíduo somente ao serem ingeridos. A produção dos alimentos atinge a saúde da população no momento em que é produzida, pois altera o ambiente natural ao seu redor, podendo emitir de gases, detritos e dejetos poluentes, os quais atingem a água, o solo e o ar. Ambientes os quais as pessoas vivem, respirando os poluentes, ingerindo água contaminada e tendo contato com solo poluído. Assim, a questão de uma alimentação saudável pode ser encarada de forma mais abrangente, levando em conta os impactos negativos que sua produção pode ter sobre os próprios alimentos e sobre o planeta. Minayo e Miranda (2002; p282) destacam essa situação no processo de produção de alimentos “A contaminação resultante desse processo produtivo não fica restrita à área ou aos trabalhadores, sendo

exportada através da contaminação ambiental (ar e água) e dos alimentos”. Pinheiro (2009) escreve que o conceito de alimentação saudável é abrangente, não se limita somente à dimensão biológica, mas é um dos itens que integram esse conceito complexo, que abrange outras dimensões como sociais, econômicas, afetivas singulares, comportamentais.

Assim, há um crescimento dos consumidores preocupados com o meio ambiente e com a saúde que buscam empresas responsáveis socialmente, que produzam alimentos sem agredir ao meio ambiente, principalmente pela severa degradação ambiental atual.

‘Neste contexto, surgiu o consumidor “verde” ou ecológico, o qual “manifesta suas preocupações ambientais no seu comportamento de compra, buscando produtos que considera que causam menos impactos negativos ao meio ambiente e valorizando aqueles que são produzidos por empresas ambientalmente responsáveis” ’ (DIAS, 2006; p139 apud NEVES, 2001, P.161).

Nesse sentido, as empresas que são socialmente responsáveis demonstram um diferencial competitivo, o qual se reflete em valor agregado ao seu produto, conforme destaca Neves (2011; p. 162):

“Assim, o consumidor ambientalmente correto está disposto a pagar um valor mais elevado pelo produto ecologicamente correto ou por um serviço que agrida menos o meio ambiente, uma vez que compreende que o valor agregado e manifestado como um aumento no preço do produto ou serviço significa, na realidade, aumento do seu valor social”.

Essas premissas indicam um nicho de mercado que está crescendo e que pode ser forma de diferenciar o produto brasileiro no mercado interno e externo.

2.4. Desenvolvimento das hipóteses de pesquisa e modelo teórico

De acordo a discussão acima, acredita-se que há uma relação positiva entre consciência ambiental, alimentação saudável o consumo de orgânicos, permitindo a formulação de duas hipóteses de pesquisa.

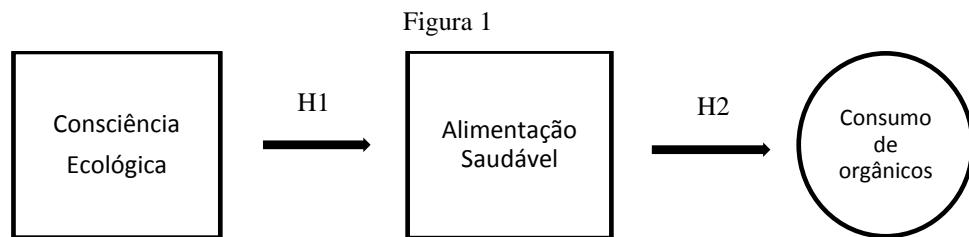
A consciência ecológica altera o modo com que o indivíduo concebe o mundo e a si próprio. Esta influência os hábitos alimentares dos consumidores, que buscam estar saudáveis também para poder contribuir com a sociedade. Por consequência, passam a preferir consumir alimentos saudáveis, que promovam a bem-estar. Também temos em estudos anteriores dados que colaboram com essa primeira hipótese. Estudos anteriores, como por exemplo de Michaelidou (2008) demonstram que a consciência ecológica está relacionada ao consumo de alimentos saudáveis. Isso permite inferir a primeira hipótese de pesquisa.

H1: A consciência ecológica irá afetar positivamente a atitude alimentação saudável.

Alimentos saudáveis estão relacionados à agricultura orgânica em razão de serem cultivados livres de produtos químicos prejudiciais à saúde do ser humano, químicos esses referidos como gatilhos para diversas doenças. Ademais, como já citado na revisão bibliográfica, parte desses químicos, principalmente nos alimentos in natura, permanecem na composição dos alimentos e chegam até a mesa do consumidor. Pesquisas anteriores já haviam identificado o interesse em saúde como principal motivo para a compra de alimentos orgânicos. (LOCKIE et al., 2002; GRANKVIST & BIEL, 2001 apud MICHAELIDOU, 2008, p.5). Assim, chega-se a uma segunda hipótese da pesquisa.

H2: A atitude alimentação saudável irá afetar positivamente o consumo de alimentos orgânicos.

O modelo teórico está representado na Figura 1.



3. Método de Estudo

O trabalho foi realizado por meio de um estudo quantitativo do tipo *survey* com público em geral, escolhidos por método não-probabilístico do tipo conveniência. O objetivo foi verificar a relação entre comportamento ecologicamente consciente, alimentação saudável e consumo de produtos orgânicos.

O procedimento de coleta de dados tem significativa importância para garantir a sistematização da pesquisa e sua qualidade científica, sob a ótica do instrumental e das técnicas utilizadas (CARVALHO, 2010). A *survey* foi aplicada aos usuários dos sites e serviços da rede social, por meio do *Facebook*, e do aplicativo de mensagens multiplataforma *Whatsup* e por correio eletrônico, ficando disponível do final do mês de novembro à metade do mês de dezembro de 2015.

Obteve-se, no total, uma amostra de 126 consumidores; um respondente foi excluído por ter 14 anos de idade. Na amostra final, composta de 125 consumidores, 60,3% eram do sexo feminino. A idade ficou com uma média de 35,5 anos e um desvio padrão de 10,914. Em termos de renda mensal, 19,8% ganhavam até R\$ 3390; 29,4% entre R\$ 3390 e R\$ 6780; 29,4% entre R\$ 6780 e R\$ 13560; e 21,4% mais de R\$ 13560. Do total entrevistado, 34,1% não consumiam alimentos orgânicos.

Foi utilizada a plataforma de pesquisas *Qualtrics* para realização da *survey*. Para a análise dos dados empregou-se a técnica de Modelagem de Equação Estrutural (MEE) com o auxílio dos pacotes estatísticos SPSS 20.0 e Amos 18.0.

3.1. Escalas

Para a *survey* foram utilizadas questões de escalas validadas na literatura, traduzidas e adaptadas ao contexto brasileiro. A escala *Healthy Eating* (Alimentação Saudável) elaborada por Dutta-Bergman (2005) e a Escala de Comportamento Ecologicamente Consciente do Consumidor (ECCB) elaborada por Roberts e Bacon (1997), previamente traduzidas por Lages e Neto (2002). Salienta-se que as escalas foram adaptadas para o contexto do estudo. Utilizou-se uma escala de 5 pontos para medir a concordância com os itens do estudo (quando 1=discordo totalmente e 5=concordo totalmente).

- *Healthy Eating* (DUTTA-BERGMAN, 2005): 11 itens da escala
 - HE1: Procuo evitar alimentos que têm muita gordura.
 - HE2: Procuo evitar alimentos que têm muito colesterol.
 - HE3: As informações nutricionais dos alimentos determinam minha compra.
 - HE4: Faço um esforço extra para ingerir a quantidade certa de fibras.
 - HE5: Me preocupo com a quantidade de açúcar que eu consumo.
 - HE6: Procuo evitar alimentos com alto teor de sal.
 - HE7: Tento escolher alimentos fortificados com vitaminas.
 - HE8: Consumo bastante produtos de baixa caloria.

- HE9: Procuo evitar alimentos com muitos aditivos (ex., corantes, aromatizantes etc.).
- HE10: Cuido o que consumo para manter meu peso sob controle.
- HE11: Me preocupo em ingerir quantidade certa de cálcio.
- ECCB (ROBERTS and BACON, 1997) – 10 itens da escala
 - ECCB1: Eu comprei lâmpadas mais caras, mas que economizam mais energia elétrica.
 - ECCB2: Quando eu tenho que escolher entre dois produtos iguais, eu sempre escolho o menos prejudicial às outras pessoas e ao meio-ambiente.
 - ECCB3: Sempre que possível, eu procuro comprar produtos com embalagens reutilizáveis.
 - ECCB4: Eu estou disposto a pagar um pouco mais por produtos e alimentos que não prejudiquem o meio-ambiente.
 - ECCB5: Eu sempre faço um esforço para reduzir o uso de produtos feitos de recursos naturais escassos.
 - ECCB6: Eu já troquei ou deixei de usar produtos por razões ecológicas.
 - ECCB7: Quando eu compro produtos e alimentos as preocupações com o meio-ambiente interferem na minha decisão de compra.
 - ECCB8: Eu procuro não comprar produtos que possuem grande quantidade de embalagens.
 - ECCB9: Eu não compro produtos fabricados ou vendidos por empresas que prejudicam ou desrespeitam o meio-ambiente.
 - ECCB10: Eu evito comprar produtos com embalagens que não são biodegradáveis.

Finalmente, o consumo de alimentos orgânicos foi mensurado por meio de um único item, “Quantas vezes por semana você consome alimentos orgânicos (produzidos sem uso de agrotóxicos)?”.

4. Resultados Alcançados

Nesta seção, a qualidade das medidas é avaliada e, a seguir, testa-se o modelo proposto. Contudo, antes dessas análises serem realizadas, verificou-se a presença de casos atípicos (outliers). Para tal, utilizou-se como critério a distância quadrática de Mahalanobis. Nenhum caso foi removido da amostra nesse momento.

4.1. Avaliação da qualidade das medidas

As escalas foram analisadas em termos de sua confiabilidade, por meio da consistência interna (alpha de Cronbach) e confiabilidade composta (FORNELL; LARCKER, 1981), e também em termos de sua validade, considerando a validade convergente e a discriminante. Essas análises foram computadas em dois estágios: considerando todos os itens originais de cada escala e excluindo aqueles indicadores com baixa correlação na escala. A tabela 1 (abaixo) apresenta os itens retidos após a avaliação da qualidade das medidas para o teste do modelo proposto.

Tabela 1

Constructo/Item	λ^a	Valor p	α^b	C.R. ^c	AVE ^d
Alimentação Saudável					
he11	0,856	***	0,749	0,76	0,52
he4	0,665	***			
he7	0,609	***			
ECCB					
eccb9	0,816	***	0,87	0,92	0,59
eccb10	0,765	***			
eccb8	0,760	***			
eccb5	0,722	***			
eccb3	0,684	***			
eccb6	0,630	***			

Nota – (a) cargas fatoriais padronizadas; (b) alpha de Cronbach; (c) confiabilidade composta; (d) variância média extraída; *** $p < 0,001$.

A validade discriminante foi realizada comparando a variância compartilhada entre os dois construtos do modelo (ECCB e alimentação saudável) com a variância extraída de cada um deles (FORNELL; LARCKER, 1981). Em nenhum dos casos a correlação ao quadrado (variância compartilhada) foi maior do que as variâncias extraídas, indicando a validade discriminante para esses dois construtos.

4.2. Teste do modelo proposto

Após a especificação do modelo de medida, o modelo conceitual foi submetido a teste, utilizando o método de estimação de máxima verossimilhança (MLE). Segundo Hair *et al.* (2010), esse método é comumente empregado em modelos de equações estruturais. Os resultados mostram que os índices de ajuste obtidos aproximam-se dos níveis aceitáveis pela literatura ($RMSA = 0,079$; $TLI = 0,924$; $CFI = 0,942$).

Em relação ao qui-quadrado (χ^2) ele foi significativo ($p \leq 0,01$). Contudo, dado que esse parâmetro é sensível ao tamanho da amostra, recomenda-se a checagem do qui-quadrado relativo χ^2/GL , cujo valor encontrado foi 1,777. A tabela 2 apresenta uma síntese dos resultados do teste do modelo proposto. A hipótese 1 previa que a consciência ecológica afetaria positivamente a atitude em relação à alimentação saudável; H1 foi suportada ($p \leq 0,01$). Já a hipótese 2, a qual previa que a atitude em relação à alimentação saudável afetaria positivamente o consumo de alimentos orgânicos, também foi suportada ($p = 0,03$).

Tabela 2

Hipótese	Coeficientes não padronizados		Coeficientes padronizados	Índices críticos (t)	Valor p
	β	Erro-padrão			
ECCB \rightarrow Alimentação saudável	0,638	0,144	0,506	4,428	***
Alimentação Saudável \rightarrow Consumo de orgânicos	0,474	0,218	0,219	2,173	0,03

5. Considerações e Implicações (ou Conclusões)

O propósito deste estudo foi buscar verificar se consumidores com consciência ecológica, ou que se preocupam com a sustentabilidade, alimentam-se de forma mais saudável e consomem, portanto, alimentos orgânicos. Para isso realizou-se um estudo quantitativo descritivo do tipo *survey* com o público em geral, selecionado via método não-probabilístico do tipo conveniência. Como resultado encontrou-se uma relação positiva entre os constructos consciência ecológica e alimentação saudável, e o consumo de orgânicos.

O objetivo geral da pesquisa foi atingido, pois levantou informações e dados que colaboram para se compreender o nexos existente entre consciência ecológica, alimentação saudável e consumo de orgânicos. Para isso, houve sucesso no alcance dos objetivos específicos, concretizando a proposta de pesquisar o mercado consumidor por meio de *survey*, utilizando questões de escalas validadas na literatura, descritas no tópico 3.1 deste trabalho, criada e gerenciada via plataforma de pesquisa *Qualtrics*. Isso permitiu analisar as informações geradas pela *survey* pelo mesmo software e a detectar a relação positiva entre os constructos e o consumo de orgânicos. Por sua vez, essa constatação propiciou explicar a relação entre eles, e por consequência, inferir as razões relacionadas ao resultado de estudo, que passam a ser descritas a partir dos próximos parágrafos.

Em razão dos resultados e dados da pesquisa verifica-se uma resposta positiva à questão problema do trabalho, ou seja, consumidores que têm consciência ecológica buscam manter uma alimentação saudável por meio do consumo de alimentos orgânicos. Diante dessa premissa, tenta-se elucidar os aspectos coadjuvantes ao cenário estabelecido.

A relação positiva entre consciência ecológica e alimentação saudável, pode ter explicação pela compreensão diferenciada que o indivíduo consciente passa ter do mundo e de si, o que acaba por influenciar seu comportamento nas mais diversas áreas da vida. O sujeito propende suas escolhas com base em melhores hábitos de vida, tendendo a adotar uma alimentação mais saudável em seu cotidiano. Dessarte, elege alimentos que propiciem uma nutrição adequada ao seu organismo.

Quanto ao resultado positivo da relação entre consciência ecológica, alimentação saudável e consumo de orgânicos, permite pressupor que consumidores interessados em manter um mundo sustentável procuram minimizar os impactos negativos das ações humanas à natureza.

“Essa consciência ecológica, que se manifesta, principalmente, como compreensão intelectual de uma realidade, desencadeia e materializa ações e sentimentos que atingem, em última instância, as relações sociais e as relações dos homens com a natureza abrangente. Isso quer dizer que a consciência ecológica não se esgota enquanto idéia ou teoria, dada sua capacidade de elaborar comportamentos e inspirar valores e sentimentos relacionados com o tema. Significa, também, uma nova forma de ver e compreender as relações entre os homens e destes com seu ambiente, de constatar a indivisibilidade entre sociedade e natureza e de perceber a indispensabilidade desta para a vida humana. Aponta, ainda, para a busca de um novo relacionamento com os ecossistemas naturais que ultrapasse a perspectiva individualista, antropocêntrica e utilitária que, historicamente, tem caracterizado a cultura e civilização modernas ocidentais.” (LEIS, 1992; UNGER, 1992; MANSHOLT, 1973; BOFF, 1995; MORIN, 1975 apud LIMA, 1998).

Por consequência, agir em prol de um meio ambiente saudável engloba consumir de forma consciente, e no caso da alimentação os produtos orgânicos são representantes expressivos desse cuidado. Logo, pode-se inferir que grupos de consumidores com consciência ecológica demonstram maior preocupação com as consequências do cultivo e da produção dos alimentos para a natureza e para a sociedade. Em razão disso, esses consumidores tendem a reproduzir esse pensamento por meio do consumo de gêneros alimentícios que preservem o

meio ambiente, preferindo alimentos cultivados pela agricultura orgânica. Essa relação é destacada por Silva (2013, p. 121, grifo do autor):

“Os valores pessoais que estiveram mais fortemente associados aos consumidores de alimentos orgânicos dizem respeito à autoatribuição de responsabilidade para com as problemáticas sociais e ambientais de seu entorno. No geral os consumidores demonstraram apreço pela preservação ambiental e transcendência de interesses egoístas, prezando por ações destinadas ao benefício coletivo, refletidos nos valores *Universalismo e Benevolência*” (grifo deles).

Observa-se que o comportamento consumidor detectado pelo estudo está em consonância com as indicações trazidas por artigos da área e pelas informações que circulam nas mídias disponíveis, que apontam o crescimento significativo da demanda por alimentos orgânicos pelos brasileiros. Segundo Michaelidou (2008) destaca em seu artigo que “Um consumidor ético ou verde é ecologicamente consciente e compra os produtos que respeitam o meio ambiente e não prejudicam o ambiente ou a sociedade” (LAROUCHE et al. 2001; HARPER & MAKATOUNI, 2002 apud MICHAELIDOU, 2008, p. 5, tradução nossa), afirmativa que está em consonância com os resultados obtidos neste estudo. Porém, nas conclusões do artigo a autora comenta que há uma diminuição da influência da preocupação com a saúde sobre as atitudes frente a compra de orgânicos e o crescimento da influência dos motivos éticos nos fatores de intenção e atitude de compra de orgânicos. Essa constatação faz perceber razões menos individualistas e mais altruístas para a compra de alimentos orgânicos. (MICHAELIDOU, 2008, tradução nossa).

As informações obtidas servem para produtores que atuam no setor de agricultura orgânica, pois demonstram que o foco nos consumidores com consciência ambiental se faz necessário por serem mais sensíveis a consumirem seus produtos, segmentando o mercado. Ratifica a potencialidade de crescimento deste mercado consumidor, implicando gerenciais para esses produtores atenderem adequadamente as demandas de consumo. Indica também que ações de marketing que agreguem os fatores consciência ecológica, alimentação saudável e alimentos orgânicos tender a serem mais eficazes diante desse mercado consumidor.

Também serve para o varejista que atua na comercialização tanto orgânicos como de alimentos saudáveis, que deve procurar estruturar os setores de orgânico em seus estabelecimentos para facilitar a processo de compra para os clientes e dar maior visão para os clientes em potencial.

Outra inferência dos resultados é que se consumidores com consciência ambiental buscam alimentos saudáveis e orgânicos passa a ser um diferencial competitivo diminuir os impactos negativos ao meio ambiente da cadeia produtiva. Por exemplo, uso de embalagens amigas do meio ambiente, diminuição do uso de combustíveis poluentes, utilização de energia renovável, etc. Pode-se dizer também possuir certificações, além da obrigatória de alimento orgânico, também corroboram para isso. Corroboram com neste aspecto:

‘Neste contexto, surgiu o consumidor “verde” ou ecológico, “o qual manifesta suas preocupações ambientais no seu comportamento de compra, buscando produtos que considera que causam menos impactos negativos ao ambiente e valorizando aqueles que são produzidos por empresas ambientalmente responsáveis” (DIAS, 2006 apud NEVES, 2011, p.161, grifo do autor)

De modo mais abrangente, empresários dos mais diversos ramos de produtos que preservam o meio ambiente em sua produção poderiam buscar ações junto aos produtores ou varejistas de alimentos orgânicos, já que há uma maior possibilidade de que esses consumidores estejam interessados em seus produtos, em virtude de apresentarem uma maior consciência ecológica.

Outra contribuição do estudo é para os gestores públicos, pois confirma o crescimento da consciência ambiental da população brasileira, bem como sua preocupação em manter uma alimentação saudável por meio de alimentos que não contribuam para a destruição da natureza.

Indica que políticas de incentivo ao cultivo e produção de alimentos orgânicos vão ao encontro das expectativas dos cidadãos, que podem ter mais opções de escolha e de produtos. Além disto, a desoneração de impostos de exportação pode resultar em geração de valor agregado aos produtos orgânicos brasileiros, que pode alcançar não somente o mercado consumidor brasileiro, mas também de outros países, gerando riqueza, que acaba por possibilitar melhorias dos serviços públicos. O consumo de orgânicos está aumentando não somente no Brasil, como no mundo, o que é uma oportunidade de gerar riqueza para o país, e de melhorar os serviços prestados à população.

Quanto às limitações da pesquisa pode-se citar o período em que foi realizada é um período em que as pessoas estão saindo para as comemorações de fim de ano e entram em férias, o que dificultou conseguir um maior número de respondentes. O tempo reduzido para o desenvolvimento do artigo restringiu que se conseguisse fazer uma pesquisa in loco com clientes das feiras de orgânicos e em mercados da região.

Referências Bibliográficas

ABRAMOVAY, R. Muito além da economia verde. São Paulo: Editora Abril, 2012. 247 p.

ALBAG, G. R.; SLONGO, L. A.; LIONELLO, R. L. Estratégias de canais múltiplos são capazes de aumentar a satisfação e a lealdade dos consumidores? Uma análise da relação entre esses constructos. In: EnANPAD, XXXVII, 2013. Rio de Janeiro.

Administração Pública. WIKIPEDIA, A enciclopédia livre. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Administra%C3%A7%C3%A3o_p%C3%BAblica> Acesso em 20 out. 2015.

BARBIERE, J C. Gestão Ambiental Empresarial: conceitos, modelos e instrumentos. 2 ed. Atual e ampliada. São Paulo: Editora Saraiva, 2007.

CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. Segurança alimentar e agricultura sustentável: uma perspectiva agroecológica. Disponível em: <<http://www.mobilizadores.org.br/wp-content/uploads/2014/05/segurana-alimentar-e-agricultura-sustentvel.pdf>> Acesso em 18 out. 2015.

CARVALHO, M. C. M. (org.). Construindo o saber: metodologia científica – fundamentos e técnicas. Campinas: Papyrus, 2010. 22 ed. 224p.

COSTA, F. N. Pirâmide Etária Brasileira. Cidadania & Cultura. Disponível em: <<https://fernandonogueiracosta.wordpress.com/2010/12/16/piramide-etaria-brasileira/>> Acesso em 10 out. 2015.

Countries in the world (ranked by 2014 population). WORLDOMETERS. Disponível em <<http://www.worldometers.info/world-population/population-by-country/>> Visitado em 28 set. 2015.

DIAS, G. F. Educação Ambiental: princípios e práticas. 9 ed. São Paulo: Gaia, 2004. 551 p.

DIAS, R. Gestão ambiental: responsabilidade social e sustentabilidade. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2011. 220 p.

Expectativa de vida dos brasileiros sobe para 75,2 anos, diz IBGE. G1 Ciência e Saúde. Disponível em: <<http://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2015/12/expectativa-de-vida-dos-brasileiros-sobe-para-752-anos-diz-ibge.html>> Acesso em 16 dez. 2015.

FARIAS, T. Q. Evolução histórica da legislação ambiental. In: Âmbito Jurídico, Rio Grande, X, n. 39, mar 2007. Disponível em: <http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=3845>. Acesso em 20 set. 2015.

FORNELL, C., LARCKER, D. Evaluating Structural Equation Models with Unobservable Variables and Measurement Error. Journal of Marketing Research, v. 18(1), 39-50, 1981.

HONG, H. Scale Development for Measuring Health Consciousness: Re-conceptualization. In: 12th Annual International Public Relations Research Conference, Holiday Inn University of Miami Coral Gables, Florida.

HOPFENBECK, W. The green management revolution: Lessons in environmental excellence. United Kingdom : Prentice Hall, 1993.

KRUTER, G E. Atitudes do Consumidor em Relação ao Plástico Verde: Um estudo exploratório. Porto Alegre, 2011.

LAGES, N. S.; NETO, A. V. Mensurando a Consciência Ecológica do Consumidor: Um Estudo Realizado na Cidade de Porto Alegre. In: XXVI ENCONTRO DA ANPAD, 2002. Anais. Rio de Janeiro: Associação Nacional dos Cursos de Pós-Graduação em Administração, 2002.

LIMA, G. F. C. Consciência ecológica: emergência, obstáculos e desafios. Revista Eletrônica Política e Trabalho, Setembro, p. 139-154, 1998. Disponível em: < <http://www.cefetsp.br/edu/eso/ecologiacritica.html> > Acesso em 15 dez. 2015.

LÜDERS, G. Brasil é o quarto maior mercado para produtos saudáveis. Revista Exame, fev. 2015. Disponível em < <http://exame.abril.com.br/revista-exame/edicoes/1083/noticias/brasil-e-o-quarto-maior-mercado-para-produtos-saudaveis> > Acesso em 07 jan. 2015.

MARCONI, M. A. Técnicas de pesquisa: planejamento, análise e interpretação de dados. São Paulo: Atlas, 2002. 5 ed. 282p.

MICHAELIDOU, N., HASSAN, L. M. The role of health consciousness, food safety concern and ethical identity on attitudes and intentions towards organic food, 2008. International Journal of Consumer Studies, 32(2), 163-170.

MINAYO, M. C. S.; MIRANDA, Ary C. Saúde e Ambiente Sustentável: estreitando nós. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2002. 343 p.

NEVES, L. S. (org.). Sustentabilidade: Anais de textos selecionados do V seminário sobre sustentabilidade. Curitiba: Juruá, 2011. 338p.

PENA, A. M. C. Sustentabilidade Ambiental da Alimentação Humana, 2012. Repositório da Universidade do Porto. Disponível em: < <http://hdl.handle.net/10216/68837> > Acesso em 10 set. 2015.

PINHEIRO, A. R. O. A alimentação saudável e a promoção da saúde no contexto da segurança alimentar e nutricional.1. Saúde Pública, Periódico. I. Centro Brasileiro de Estudos de Saúde, CEBES CDD 362.1, v. 29, n. 70, p. 125-139, 2005. Disponível em: < <https://caemilioribas.files.wordpress.com/2009/09/a-alimentac3a7c3a3o-saudc3a1vel-e-a-ps.pdf> > Acesso em 18 out. 2015.

Population. WOLDOMETERS. Disponível em: < <http://www.worldometers.info/world-population/> > Acesso em 20 set. 2015.

Projeção da população brasileira. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em < <http://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/index.html> > Acesso em 28 set. 2015.

Relatório complementar relativo à segunda etapa das análises de amostras coletadas em 2012. Programa de análise de resíduos agrotóxicos em alimentos. Agência Nacional de Vigilância Sanitária.

Disponível em: <http://portal.anvisa.gov.br/wps/wcm/connect/d67107004634368583a5bfec1b28f937/Relat%C3%B3rio+PARA+2012+2%C2%AA+Etapa+-+17_10_14-Final.pdf?MOD=AJPERES> Acesso em 18 out. 2015.

ROBERTS, James; BACON, Donald. Exploring the subtle relationships between environmental concern and ecologically conscious consumer behavior. *Journal of Business Research*. v. 40, 1997.

RODRIGUES, Rui. M. Pesquisa acadêmica: como facilitar o processo de preparação de suas etapas. São Paulo: Atlas, 2007. 177p.

SILVA, E. P.; SOUZA, J.F. Educação ambiental para saúde alimentar e nutrição no Colégio Estadual Jardim Guanabara, Goiânia (GO). In: SIMPÓSIO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL E TRANSDISCIPLINARIDADE, II., 2011, Goiânia. Disponível em: <https://nupeat.iesa.ufg.br/up/52/o/41_Saude_alimentar.pdf> Acesso em 18 out. 2015.

Sustentabilidade ambiental. WIKIPEDIA, A enciclopédia livre. Sustentabilidade ambiental. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Sustentabilidade_ambiental> Acesso em 20 set. 2015.

APÊNDICE A: INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

Olá! Sou aluna do curso de Pós-Graduação Lato Sensu de Especialização em Gestão Empresarial, promovido pela Escola de Administração da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Estou realizando uma pesquisa que servirá como base para o desenvolvimento do meu trabalho de conclusão do curso, onde abordo alimentação saudável e sustentabilidade. A sua participação nesse estudo é fundamental, uma vez que proporcionará as informações necessárias para melhor compreensão desse mercado. Lembramos que garantimos o anonimato de suas respostas e das respostas dos outros participantes, pois elas serão analisadas como um todo e nunca de forma personalizada. Além disso, nenhum participante da pesquisa será identificado e não haverá qualquer comunicação ou publicação futura da sua identidade, interna ou externamente. É muito importante que você responda a todas as questões sem deixar nenhuma em branco. Agradeço muito a sua participação.

Por favor, leia com atenção cada uma das declarações abaixo. E indique o quanto concorda com cada uma delas utilizando a escala de 1 a 5.

	Discordo totalmente (1)	(2)	(3)	(4)	Concordo totalmente (5)
Procurо evitar alimentos que têm muita gordura.					
Procurо evitar alimentos que têm muito colesterol.					
As informações nutricionais dos alimentos determinam minha compra.					
Faço um esforço extra para ingerir a quantidade certa de fibras.					
Me preocupo com a quantidade de açúcar que eu consumo.					
Procurо evitar alimentos com alto teor de sal.					
Tento escolher alimentos fortificados com vitaminas.					
Consumo bastante produtos de baixa caloria.					
Procurо evitar alimentos com muitos aditivos (ex., corantes, aromatizantes etc.).					
Cuido o que consumo para manter meu peso sob controle.					
Me preocupo em ingerir quantidade certa de cálcio.					

Por favor, continue indicando o quanto concorda com cada declaração.

Discordo totalmente (1) (2) (3) (4) Concordo totalmente (5)

Eu comprei lâmpadas mais caras, mas que economizam mais energia elétrica.	Discordo totalmente (1)	(2)	(3)	(4)	Concordo totalmente (5)
Quando eu tenho que escolher entre dois produtos iguais, eu sempre escolho o menos prejudicial às outras pessoas e ao meio-ambiente.					
Sempre que possível, eu procuro comprar produtos com embalagens reutilizáveis.					
Eu estou disposto a pagar um pouco mais por produtos e alimentos que não prejudiquem o meio-ambiente.					
Eu sempre faço um esforço para reduzir o uso de produtos feitos de recursos naturais escassos.					
Eu já troquei ou deixei de usar produtos por razões ecológicas.					
Quando eu compro produtos e alimentos as preocupações com o meio-ambiente interferem na minha decisão de compra.					
Eu procuro não comprar produtos que possuem grande quantidade de embalagens.					
Eu não compro produtos fabricados ou vendidos por empresas que prejudicam ou desrespeitam o meio-ambiente.					
Eu evito comprar produtos com embalagens que não são biodegradáveis.					

Você consome ALIMENTOS ORGÂNICOS (sem o uso de agrotóxicos)?

- Não consumo
- 1 dia por semana
- 2 dias por semana
- 3 dias por semana
- 4 dias por semana
- 5 dias por semana
- 6 dias por semana
- Todos os dias da semana

Por fim, gostaríamos que você respondesse as questões abaixo.

Sexo:

- Feminino
 Maculino

Qual a sua idade? (usar somente números; Por exemplo: 30)

Qual o seu grau de escolaridade?

- Ensino fundamental
- Ensino médio
- Graduação
- Pós-graduação

Informe a região do estado do Rio Grande do Sul você vive?

- Porto Alegre e Região Metropolitana
- Central
- Noroeste
- Sudoeste
- Nordeste

Qual das seguintes opções descreve melhor o seu estado civil atual?

- Solteiro
- Casado
- União estável
- Separado
- Não casado, mas vivendo juntos

Considerando todas as pessoas que moram com você que tem algum tipo de rendimento, qual a renda bruta familiar mensal?

- Sem rendimento
- Até R\$339 (1/2 salário mínimo)
- Mais de R\$339 a R\$678 (de 1/2 a 1 salário mínimo)
- Mais de R\$678 a R\$1.356 (mais de 1 a 2 salários mínimos)
- Mais de R\$1.356 a R\$2.034 (mais de 2 a 3 salários mínimos)
- Mais de R\$2.034 a R\$3.390 (mais de 3 a 5 salários mínimos)
- Mais de R\$3390 a R\$6.780 (mais de 5 a 10 salários mínimos)
- Mais de R\$6.780 a R\$13.560 (mais de 10 a 20 salários mínimos)
- Mais de R\$13.560 (mais de 20 salários mínimos)